



**SEMINÁRIO MAIOR ARQUIDIOCESANO DE BRASÍLIA  
NOSSA SENHORA DE FÁTIMA**

**A IDEOLOGIA DE GÊNERO E SUA NÃO FUNDAMENTAÇÃO  
METAFÍSICA ANTROPOLÓGICA**

**LUCIANO MATTAR ELEUTÉRIO DA SILVA**

**BRASÍLIA-DF  
2018**

## RESUMO

O presente artigo visa abordar as definições da ideologia de gênero forjadas pelos próprios ideólogos da teoria, a sua origem e suas influências, assim como a não fundamentação científica, antropológica e metafísica cujo amparo lhe falta. Constatando o crescimento da ideologia e a grande adesão à mesma nos tempos atuais, esta pesquisa visa demonstrar que a mesma não tem o apoio da ciência experimental, assim como não possui correspondência com uma autêntica filosofia antropológica e metafísica. Portanto, a pesquisa realizada refuta, em cada um dos âmbitos de conhecimento citados, tal ideologia, demonstrando os argumentos pelos quais ela se mostra insustentável.

## **I. INTRODUÇÃO**

A ideologia de gênero, atualmente difundida, tem como cerne de sua teoria a ideia de que o gênero de uma pessoa, seja masculino ou feminino, não faz parte de uma natureza sexual biológica, mas que seria na verdade, resultado de uma construção social. Assim, entendem os ideólogos de gênero, que uma pessoa nasce, na verdade, neutra no que tange a sua sexualidade sob o ponto de vista psíquico, e que a partir do contexto cultural em que esta pessoa está imersa surge então a definição do seu gênero (CIPRIANI, 2017).

Os propagadores da ideologia de gênero desejam substituir a ideia de que cada ser humano possui a sua identidade sexual definida pelo aspecto biológico desde o momento da concepção, pela ideia de que, ao invés disso, o que define uma pessoa como homem e mulher é exclusivamente a influência psicológica gerada pelo ambiente sociocultural em que vive esta pessoa (CIPRIANI, 2017).

Assim, não é mais uma natureza intrínseca à pessoa que define a sua sexualidade, mas cada um a determina conforme a sua livre vontade. Para os propagadores e simpatizantes dessa ideologia, “o sexo biológico é apenas um dado corporal de cuja ditadura nos deveríamos libertar pela escolha arbitrária de um gênero” (CIPRIANI, 2017, p.1).

Portanto, a ideologia de gênero não se preocupa tanto com a negação de que exista um sexo biológico necessariamente, mas sim com a ideia de que não é este que define a pessoa como homem ou mulher, mas sim um sexo psicológico, chamado de gênero, e que deve ser escolhido livremente por cada indivíduo (CIPRIANI, 2017).

## **II. ORIGEM E INFLUÊNCIAS DA IDEOLOGIA DE GÊNERO**

Ainda que o objetivo do presente artigo seja falar sobre a não correspondência da teoria de gênero com uma autêntica antropologia metafísica, convém aqui apresentar brevemente quais as ideias e influências que estão na origem desta ideologia e o fato dela estar envolvida em um plano estratégico, que dentre outras coisas pretende “deitar abaixo a família, promover a liberação sexual e defender o aborto” (VITAL ISSUES PRESS, 1977).

Na origem da teoria de gênero encontra-se o marxismo e a sua ideia central de que o que move a história é a luta de classes descrita por Karl Marx e Friedrich Engels (CIPRIANI, 2017). Dentro desse contexto, encontra-se já na obra intitulada “A origem da família, da propriedade privada e do Estado”, de

Friedrich Engels a seguinte afirmação: “o primeiro antagonismo de classes da história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher no âmbito do matrimônio monogâmico; e a primeira opressão de classes, com a do sexo feminino por parte do masculino”(PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, 2012).

Outro forte precursor da ideologia de gênero foi a revolução sexual ocorrida no século XX. Aqui, inicia-se a forte difusão de ideias como a separação da sexualidade em relação ao matrimônio e a procriação, propagando o que é conhecido como “amor livre” e influenciando a prática da anticoncepção e em seguida do aborto. É com a revolução sexual que se começa a cogitar a fecundação in vitro, até chegar à instância mais radical da separação da sexualidade biológica em relação à pessoa, que nada mais é que a ideia central da teoria de gênero (MATOS, 2018).

As feministas radicais interpretam que o marxismo fracassou devido a sua insistência na esfera econômica, e que não se deteve no verdadeiro problema, que segundo elas eram as famílias, já que aí se inicia a divisão de classes (MATOS, 2018).

Ainda como grande apoiador das causas de gênero está o movimento homossexual. A este interessa um pensamento absolutamente livre em relação à sexualidade, e por isso, desvinculado a qualquer tipo de natureza. “Os movimentos homossexuais recuperam a corrente intelectual do gênero para mostrar que a ideia da sexualidade não é uma questão de natureza, mas um fenômeno cultural que se constrói” (CIPRIANI, 2017, p.3).

### **III. A INADEQUAÇÃO DA IDEOLOGIA DE GÊNERO PARA A CIÊNCIA EXPERIMENTAL**

Após apresentar aquilo que é a ideologia de gênero segundo os seus próprios idealizadores e as influências que a mesma carrega consigo, cabe agora entender se existe ou não fundamentação científica, metafísica e antropológica para esta teoria. Apesar destes três aspectos por muitas vezes se entrelaçarem, faremos uma divisão, ainda que formal, para tratar de cada âmbito com maior especificidade e delimitação.

A ciência está ainda distante de encontrar alguma solução que possa colaborar com a ideia dos ideólogos de gênero e com sua hipótese de que não é a biologia a grande responsável pela determinação sexual do indivíduo enquanto homem ou mulher, e sim o contexto sociocultural que o circunda, conforme dita a ideologia de gênero. Isso se dá, sobretudo, pois a teoria “carece de premissas verdadeiras” quando analisada de modo profundo. (URBANO; et al., 2017)

O que prevalece, no âmbito científico, é a tendência de que aquilo que até agora se entendeu em relação à identidade sexual do indivíduo se

mantenha, ou seja, prevalece o fato de que as influências biológicas no ser humano são o que definem a sua sexualidade e que a identidade de gênero está profundamente relacionada com a base genética, assim como a constituição endócrina e neurológica próprias de cada ser. (URBANO; et al., 2017)

#### **IV. A INADEQUAÇÃO DA IDEOLOGIA DE GÊNERO PARA A ANTROPOLOGIA**

Também do ponto de vista de uma autêntica antropologia, é possível entender que, no ser humano, o sexo e o gênero, ou seja, o fundamento da sexualidade biológica e a expressão cultural, não são independentes entre si, apesar de não ser exatamente a mesma coisa. Para entender a relação entre esses dois componentes, os especialistas apontam três aspectos, que naturalmente se entrelaçam de modo harmônico. São eles o sexo biológico, o sexo psicológico e o sexo sociológico (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, 2012).

O sexo biológico se refere à corporeidade do indivíduo e se manifesta em algumas diferentes facetas. Podemos falar de sexo biológico quando falamos do sexo genético, ou seja, aquilo que se refere aos cromossomos da pessoa humana – XX na mulher e XY no homem – e que se manifestará mais claramente na diferença hormonal existente entre ambos, conhecida como “sexo gonadal”. O sexo biológico se mostra ainda a partir do sexo somático (ou fenotípico), que determinará os órgãos reprodutivos internos e externos tanto masculinos quanto femininos – diferentes no homem e na mulher -. É de se notar que a importância desse fato é tal que mesmo as células do corpo de uma mulher são diferentes das de um corpo masculino. (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, 2012).

O segundo aspecto da sexualidade humana se refere ao sexo psicológico. Este está intimamente ligado à vida psíquica de um indivíduo como homem ou mulher. Aqui se refere à tomada de consciência de sua pertença pessoal a um sexo determinado, que acontece em geral por volta de dois a três anos de idade. Deve-se considerar que essa tomada de consciência de sua sexualidade pode sim sofrer forte influência do meio social circundante, mas que em condições normais deve coincidir com o sexo biológico. (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, 2012).

Já o sexo sociológico, chamado também de sexo civil, é aquele que se confere à criança quando essa nasce. Está relacionado, sobretudo com a percepção que o mundo externo possui da pessoa. É o sexo sociológico que normalmente manifesta o papel do homem e da mulher na sociedade e os estereótipos pertencentes a cada sexo. (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, 2012).

Ao contrário do que colocam os ideólogos de gênero, esses aspectos da sexualidade humana não estão separados, mas na verdade

integram-se e corroboram para o acontecimento da formação da identidade pessoal. (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, 2012).

Tendo em vista que o indivíduo é totalmente homem ou totalmente mulher, sua masculinidade ou feminilidade alcança todo o seu ser, ou seja, desde a diversidade física e corporal facilmente observada no ser humano até a diversidade psíquica existente entre ambos pode-se notar essa distinção. A verdade é que a sexualidade manifesta, por vezes, identidade e outras vezes alteridade. A mesma natureza humana é conferida tanto à pessoa do sexo masculino quanto à do sexo feminino, mas isso se dá com uma determinação diferente em ambos. Há de certa forma uma complementariedade entre ambos os sexos, e por isso é dito que o homem se inclina “por constituição” à mulher e vice-versa. (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, 2012).

Como foi dito, as dimensões corporal, psíquica e espiritual do indivíduo estão relacionadas de forma a possuírem uma profunda unidade, afinal, como se entende do ponto de vista metafísico, o agir segue o ser, ou seja, o agir do ser humano, e nesse caso de qualquer outro ente, está fundamentado na natureza daquele ente e não pode reclamar uma liberdade arbitrária e absoluta que pretenda se libertar de sua natureza. (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, 2012).

Segundo Lucas (2013), com a linguagem do próprio corpo homens e mulheres são capazes de manifestar as suas naturezas, como pessoas. “É justamente a masculinidade e a feminilidade a fonte direta da linguagem corporal.” (LUCAS, 2013, p. 2011). Ainda de acordo com o mesmo autor, a citada linguagem corporal manifesta de modo verdadeiro aquilo que é a pessoa e através dela as pessoas de sexo masculino e feminino se expressam de modo recíproco.

Importa entender que não há uma relação de total identificação entre a sexualidade e a corporeidade. Ainda que de alguma forma o corpo carregue consigo sinais naturais da sexualidade masculina ou feminina, esta verdade está mais relacionada ao fato de que a corporeidade humana revela o homem e a mulher como pessoa do que à sua estrutura essencial masculina ou feminina (LUCAS, 2013).

Todavia, independente do querer das pessoas, o ser humano é, em seu fundamento, um ser sexual, e este atributo é determinante na sua constituição ontológica. Esta é uma informação de extrema importância que rege a natureza de cada ser humano e não dependendo do querer humano, nos obriga a levar em conta. É evidente que a espécie humana existe em concretude de dois modos determinados, e estes são o masculino e o feminino. Quando se toma cada uma dessas determinações de modo separado, enxerga-se que ambos possuem um modo de comportar-se específico, e se inclinam também a projetar as realidades cada um segundo sua natureza particular, sendo ambos inconfundíveis no seu proceder (LUCAS, 2013).

Sendo assim, as diferenças possíveis de se mapear entre o sexo masculino e o sexo feminino não se restringem às questões genitais. A

ignorância em relação a essas informações faz com que feministas e simpatizantes deste grupo de pessoas apoiem e difundam a ideia errônea de que em tudo homem e mulher devem ser levados em conta de uma mesma forma, com as mesmas obrigações e responsabilidades, assim como obtendo uma educação padronizada, completamente sem distinções. Porém a verdade é que ainda que pertençam à mesma espécie, homem e mulher possuem diferenças profundas e é impossível substituir as leis naturais que determinam esse fator a partir do mero desejo humano (FABRO, p. 87, *apud* LUCAS, 2013, p. 213).

Essa dualidade é um dado da constituição da espécie humana e não pode nenhum tipo de corrente filosófica ou ideológica negar isso. A sexualidade é um modo de ser próprio do homem enquanto espécie, ou seja, é dado essencial da personalidade, e permite então a este, se manifestar e se expressar de um determinado modo (LUCAS, 2013).

Diferente do que se pensa e por vezes se propaga, essa dualidade existente entre homem e mulher não deve ser vista a partir de uma via negativa, como um fardo a ser carregado, mas sim através da beleza da complementariedade. Homem e mulher são de fato perfeitamente complementares e o homem não é, na sua constituição antropológica, plenamente homem quando totalmente separado da mulher e vice-versa (LUCAS, 2013). “A diferença entre o homem e a mulher é complementar e recíproca: estabelece-se como referência de um para com o outro” (STORK; ECHEVARRÍA, 2006, p. 214).

A partir do que tem sido apresentado, percebe-se que é inadequado afirmar uma igualdade absoluta entre o homem e a mulher. Dizer que homem e mulher possuem os mesmos direitos está correto, pois tange a natureza da pessoa humana, e então há de fato uma mesma dignidade, entretanto reclamar a igualdade entre ambos em todos os aspectos seria negar a distinção de personalidade existente entre eles (LUCAS, 2013).

Portanto, para compreender a relação existente entre a sexualidade e a constituição da natureza humana, é preciso entender que ser homem ou ser mulher não é um dado que se adiciona ao que já temos da estrutura de alguém, como algo que está separado de todo o resto, mas é de fato um modo específico de ser. Ser homem ou ser mulher é uma informação que permeia todo o ser humano (STORK; ECHEVARRÍA, 2006).

## **V. A INADEQUAÇÃO DA IDEOLOGIA DE GÊNERO PARA A METAFÍSICA**

Já tendo citado alguns argumentos que englobam a metafísica, convém para entendermos melhor a correspondência ou não da ideologia de gênero neste âmbito, esclarecer os conceitos de essência, substância e acidente, pois são instrumentos extremamente importantes para nos aprofundarmos no tema proposto.

Quando se ouve a palavra ente na filosofia, deve-se imediatamente pensar naquilo que existe, ou seja, que possui o ato de ser. Os entes que conhecemos existem a partir de modos específicos de ser, e a tais modos de existência se dará o nome de essência. A essência é exatamente isso, o modo de ser do ente. Logo, se alguém manifesta a sua existência como um ser humano significa que esse é o seu modo de ser, a sua essência (ALVIRA; CLAVELL; MELENDO, 2014).

Segundo Alvira; Clavell; Melendo (2014, p.66), “a substância é aquela realidade que exerce o ser si mesmo, não em outro sujeito, e, além disso, tem uma essência específica”. Assim, sabe-se que uma quantidade enorme de substâncias podem possuir uma mesma essência e serem então englobadas em um mesmo grupo ao qual chamamos espécie. A pessoa, segundo Tomás de Aquino (2016), é um indivíduo subsistente de natureza racional. Portanto, quando se tem então um ser humano em particular em nossa frente podemos afirmar que há ali um sujeito subsistente, justamente porque possui uma substância. (ALVIRA; CLAVELL; MELENDO, 2014).

Outro conceito importante é o de acidente. Estes, ao contrário da substância, “são” na substância, ou seja, não são encontrados sozinhos na natureza, necessitam da substância para “serem”, logo não são subsistem em si mesmos como o é a substância. Ao contrário do que se pensa muitas vezes, não é parte constitutiva dos acidentes não ser importante em um determinado ente. Há diferentes tipos de acidentes, mais importantes ou menos importantes em um ente, mas o que realmente os definem é o simples fato de não subsistirem em si mesmos, tendo a necessidade de uma substância para isso. (ALVIRA; CLAVELL; MELENDO, 2014).

De acordo com ALVIRA; CLAVELL; MELENDO (2014), os acidentes podem ser classificados em: acidentes próprios de cada espécie, acidentes inseparáveis de cada indivíduo, acidentes separáveis e, por último, os acidentes que procedem de um agente externo. A prova de que os acidentes não são necessariamente mutáveis ou de pouca importância no ente é o fato de que a vontade e a inteligência no ser humano são consideradas acidentes, mas que estão profundamente arraigados na sua essência. (ALVIRA; CLAVELL; MELENDO, 2014).

Tratando mais especificamente do que nos interessa neste artigo e já sabendo que a sexualidade é parte constitutiva da espécie humana, é dito que a masculinidade e a feminilidade, ou seja, a especificidade da sexualidade humana está categorizada entre os acidentes inseparáveis de cada indivíduo, que são aqueles acidentes que “nascem do modo concreto como a espécie se realiza em cada indivíduo, são características individuais que têm uma causa permanente no sujeito” (ALVIRA; CLAVELL; MELENDO, 2014, p.70). Como a própria categorização e definição o mostram, o sexo masculino e feminino, portanto, não são na espécie humana fatores de pouca relevância ou sujeitos a mutabilidade, sobretudo pelo fato de serem permanentes na ontologia do indivíduo. (ALVIRA; CLAVELL; MELENDO, 2014).

## VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a partir das considerações a respeito da definição forjada para a teoria de gênero por seus ideólogos e da análise de suas afirmações a partir dos âmbitos, seja científico, antropológico ou metafísico, pode-se tirar algumas conclusões.

Sob o ponto de vista científico fica clara a insuficiência argumentativa por parte dos ideólogos de gênero, e resiste de modo comprovado, a ideia de que homens e mulheres manifestam sua existência de dois modos diversos desde a concepção, seja por sua constituição física e genital diversa, seja pelas suas composições hormonais e até mesmo celulares que se diferem nos dois seres humanos.

Dentro da perspectiva antropológica, os autores permitem-nos compreender que há uma profunda relação entre os sexos biológico, psicológico e sociológico, como foi dito, e que em condições normais os três gozam de perfeita harmonia, entendendo que de fato os sexos masculino e feminino são os dois modos diversos do ser humano vir a existir, definidos desde o nascimento da pessoa.

Por último, a metafísica nos apresenta com sua categorização, o dado que diz que a masculinidade e a feminilidade são “acidentes inseparáveis”, ou seja, dados impressos na essência de cada pessoa e que não permite ao homem ou mulher decidir de modo arbitrário sobre a sua natureza sexual.

Assim, fica manifesta a inadequação existente na teoria criada pelos ideólogos de gênero em todos esses campos de conhecimento e cujo torna tal ideologia fraca em termos racionais e inaceitável diante de pesquisas sérias, seja no âmbito da ciência experimental, seja diante de uma séria busca pela verdade filosófica.

## VII. REFERÊNCIAS

Alvira, T.; Clavell, L.; Melendo, T. **Metafísica**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2014.

Aquino, T. **Suma Teológica, v. VIII, parte III**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

Cipriani, G. **“Homem e mulher os criou”**: Uma reflexão sobre a **“ideologia de gênero”**. 2017, Artigo Científico, Belo Horizonte, 2017.

Lucas, R.L. **El hombre, espíritu encarnado: compendio de antropologia filosófica**. Salamanca, Ediciones Sígueme, 2013.

Matos, P. **Apostila de Antropologia Filosófica**. Brasília, 2018.

Pontifício Conselho para a Família. **Lexicon: Termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas**. São Paulo, 2012.

Storck, R. Y. ; Echevarría, J. A. **Fundamentos da Antropologia: Um ideal da excelência humana**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2005.

Urbano, B.F.M. *et al.* **Contribuição e apelo médico-científico acerca da terceira versão da base nacional comum curricular**. 2017, Artigo Científico, São Paulo, 2017.

Vital Issues Press. **A agenda de gênero: Redefinindo a igualdade, condensado da obra de Dale O’Leary “The Gender Agenda”**. Disponível em: <<http://www.votopelavida.com/agendadegenero.pdf>> Acesso em: 10 de out. 2018.